

## V - PARTINDO EM MISSÃO

- *«Ide e anunciai»*

Tudo mudou. As perdas deixaram de ser consideradas debilitantes; a casa deixou de ser um lugar vazio. Os dois caminantes que tinham iniciado a sua viagem de rosto abatido olham agora um para o outro com os olhos iluminados por uma nova luz. O estranho, que se tornara amigo, deu-lhes o seu espírito, o espírito divino de alegria, paz, fortaleza, esperança e amor. Dissiparam-se as dúvidas das suas mentes: Jesus está vivo! Não vivo como antes, não como o fascinante pregador e curador de Nazaré, mas vivo com o novo alento insuflado neles. Cléophas e o seu amigo tornaram-se duas novas pessoas. Foi-lhes dado um novo coração e um novo espírito. Além disso, também se tornaram novos amigos um para o outro — já não pessoas capazes de trocar entre si consolação e apoio enquanto choram as suas perdas, mas pessoas com uma nova missão que, juntas, têm qualquer coisa a dizer, qualquer coisa importante, qualquer coisa urgente, qualquer coisa que não pode permanecer oculta, qualquer coisa que tem de ser proclamada. Felizmente, têm-se um ao outro. Ninguém acreditaria apenas num deles. Mas, se falarem juntos, dar-lhes-ão crédito certamente.

- *Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém*

Os outros precisam de saber, pois também eles tinham colocado toda a sua esperança em Jesus. Há os onze que comeram com Ele na noite anterior à sua morte; há os discípulos, tanto homens como mulheres, que o tinham seguido durante vários anos. Todos eles precisam de saber o que lhes sucedeu. Precisam de saber que não está tudo acabado. Precisam de saber que Jesus está vivo que eles o reconheceram quando lhes estendeu o pão. Não há tempo a perder. «Partamos imediatamente», dizem um ao outro. Calçam depressa as sandálias, pegam nos mantos e nos cajados e tomam o caminho de regresso, em busca daqueles que talvez ainda não saibam que as mulheres que tinham ouvido dos anjos a notícia de que Jesus está vivo falavam verdade. A história resume tudo em muito poucas palavras: «Levantando-se, voltaram imediatamente para Jerusalém.»

Que diferença entre o seu «ir para casa» e o seu regresso a Jerusalém! É a diferença entre a dúvida e a fé, o desespero e a esperança, o medo e o amor. É a diferença entre dois seres humanos completamente desiludidos, que se arrastam ao longo da estrada, e dois amigos que caminham rapidamente, por vezes até correndo, muito excitados com a notícia que têm para dar aos seus outros amigos.

O regresso à cidade não é isento de perigos. Após a execução de Jesus, os seus discípulos têm medo. Interrogam-se qual será o seu próprio destino. Contudo, tendo reconhecido o seu Senhor, o seu medo dissipou-se, e eles estão livres para se tornarem testemunhas da ressurreição — seja qual for o preço a pagar. Percebem que as pessoas que odiavam Jesus, também, podiam odiá-los, que as pessoas que mataram Jesus, também, podiam matá-los. O seu regresso poderá, de facto, custar-lhes a vida. Podem chamá-los a dar testemunho, não só mediante palavras, mas com o seu próprio sangue. No entanto, eles já não receiam o martírio. O Senhor ressuscitado, presente no seu ser mais íntimo, encheu-os de um amor mais forte do que a morte.

Nada pode impedi-los de regressar a casa, mesmo que a casa já não signifique um «lugar» seguro.

### *- Ide e anunciai*

A Eucaristia termina com um envio, «Ide e anunciai!» As palavras latinas «Ite Missa est», com as quais o sacerdote costumava terminar a missa, significam literalmente: «Ide, é esta a vossa missão.»

A comunhão não é o fim. O fim é a missão. A comunhão, essa intimidade sagrada com Deus, não é o momento final da vida eucarística. Nós reconhecemo-lo, mas esse reconhecimento não serve apenas para que o saboreemos ou mantenhamos em segredo. Tal como Maria de Magdala, também os dois amigos tinham ouvido no seu íntimo as palavras «Ide e anunciai». É esta a conclusão da celebração eucarística; também é essa a chamada final da vida eucarística. «Ide e anunciai. Aquilo que ouvistes e vistes não é apenas para vós, para os vossos irmãos e irmãs, e para todos aqueles que estiverem preparados para receber o anúncio. Ide, não vos detenhais, não fiquéis à espera, não hesiteis, parti de imediato e regressar aos lugares de onde viestes, e dai a saber àqueles que deixastes para trás nos seus esconderijos que não devem ter medo de nada, que Jesus está ressuscitado; verdadeiramente, Ele está ressuscitado.»

É importante percebermos que a missão é, primeiro que tudo, uma missão dirigida àqueles que não são estranhos para nós. Eles conhecem-nos e, tal como nós, também ouviram falar de Jesus, mas perderam a coragem. A missão dirige-se sempre, em primeiro lugar, aos nossos, à nossa família, aos nossos amigos, àqueles que partilham da intimidade da nossa vida. Chegar a esta conclusão não é muito agradável. Eu tenho sempre mais dificuldade em falar de Jesus àqueles que me conhecem intimamente do que àqueles que nunca tiveram de se confrontar com a minha «peculiar maneira de ser». Contudo, nisso reside um grande desafio. Até certo ponto, a autenticidade da nossa experiência é posta à prova pelos nossos pais, pelos nossos cônjuges,

pelos nossos filhos, pelos nossos Irmãos e Irmãs, por todos aqueles que nos conhecem muito bem.

Muitas vezes ouviremos dizer: «Bem, lá está ele outra vez. Bem, lá vem ela com a cantiga de sempre. Nós já sabemos como é que as corsas se passam. Já assistimos a este entusiasmo exagerado noutras ocasiões. Mas há-de passar-lhe... tal como antes.» Muitas vezes tais palavras encerram uma grande verdade. Por que razão haviam eles de confiar em nós, quando chegamos a casa dominados por uma grande excitação? Por que haviam eles de nos tomar a sério? Nós não somos assim tão dignos de confiança; não somos assim tão diferentes do resto da nossa família e dos nossos amigos. Além disso, o mundo está cheio de histórias, de boatos, de pregadores e evangelizadores. Há boas razões para um certo ceticismo. Os que não foram conosco à Eucaristia não são melhores nem piores do que nós. Também eles ouviram a história de Jesus. Alguns foram batizados; outros chegaram a frequentar a Igreja por algum tempo, ou até durante muito tempo. Mas depois, pouco a pouco, a história de Jesus passou a ser apenas uma história. A Igreja passou a ser obrigação, a Eucaristia transformou-se num ritual. A certa altura, tudo passou a ser uma recordação amarga ou doce. A certa altura, qualquer coisa morreu dentro deles. E por que havia alguém que nos conhece bem de acreditar subitamente em nós, ao regressarmos da Eucaristia?

*- Não é apenas a Eucaristia, mas a vida eucarística que faz a diferença.*

É por essa razão que não é apenas a Eucaristia, mas a «vida eucarística» que faz a diferença. Cada dia, sim, cada momento do dia, sentimos a dor das nossas perdas e a oportunidade de escutar uma palavra que nos peça para optarmos por viver essas perdas como um caninho para a glória. Dia após dia, também há a possibilidade de convidar o estranho para nossa casa e de o deixar partir o pão para nós. A celebração eucarística tem representado para nós aquilo que significa a nossa vida de fé, e devemos regressar a casa dispostos a vivê-la da forma mais perdurável e plena que pudermos. E isso é muito difícil, porque toda a gente em nossa casa nos conhece muito bem: a nossa impaciência, os nossos ciúmes, os nossos ressentimentos e todas as nossas múltiplas pequenas jogadas. Além disso, ainda há as nossas relações fracassadas, as nossas promessas por cumprir e os compromissos que não respeitámos. Poderemos realmente dizer que encontramos Jesus no caminho, que recebemos o seu Corpo e o seu Sangue e que nos tornámos assim verdadeiros Cristos vivos? Toda a gente que vive conosco está pronta a pô-los à prova.

Mas ainda há outra coisa. Há uma grande surpresa à espera dos dois emocionados companheiros que entraram de rompante na sala onde os seus amigos estavam reunidos... ansiosos por lhes contar a grande notícia. Aqueles seus amigos também já sabiam! A boa nova que eles traziam afinal já não era nova. Antes de eles terem a oportunidade de contar a sua história, os onze e os seus companheiros anunciaram-lhes: «Realmente o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão Pedro.» É uma situação bastante cómica. Ali chegam eles, a correr, quase sem fôlego, muito excitados, e afinal descobrem que aqueles que tinham ficado na cidade já tinham ouvido a notícia, embora não tivessem encontrado o Senhor no caminho nem se tivessem sentado com Ele à mesa. Jesus aparecera a Simão, e Simão era muito mais digno de crédito do que aqueles dois discípulos que não tinham ficado com os onze, mas tinham regressado a casa, pensando que tudo tinha acabado. Claro que o grupo também se alegrou e entusiasmou ao ouvir a sua história, mas esta serviu apenas para confirmar que Jesus, de facto, estava vivo.

Há muitas maneiras pelas quais Jesus aparece e muitas outras pelas quais nos faz saber que está vivo. Aquilo que nós celebramos na Eucaristia acontece de muito mais formas, do que nós possamos imaginar. Jesus, que partiu o pão para nós, já tinha tocado os corações de outros muito antes de nos ter encontrado no caminho. Chamou uma mulher pelo seu nome, e ela percebeu que era Ele; mostrou as suas feridas a um pequeno grupo, e eles perceberam que era Ele. Nós temos as nossas histórias para contar, e é importante que as contemos, mas as nossas histórias não são as únicas. Nós temos uma missão a cumprir, e é bom que nos sintamos entusiasmados, mas primeiro temos de ouvir aquilo que outros têm para nos dizer. Então, as nossas histórias poderão ser contadas, tornando-se fonte de alegria.

Tudo isto aponta para a comunidade. Os dois amigos, que tinham conseguido contar um ao outro como ardia o seu coração, começavam a entrar numa nova relação mútua, uma relação construída na comunhão que ambos tinham experimentado. A sua comunhão com Jesus era, de facto, um princípio de comunidade..., mas só um princípio. Eles precisavam de se encontrar com os outros que também acreditavam que Jesus estava ressuscitado, que também o tinham visto ou tinham ouvido dizer que Ele estava VIVO. Precisavam de escutar todas essas histórias, cada uma diferente das outras, e de descobrir as muitas formas pelas quais Jesus e o seu Espírito trabalham no meio do seu povo.

*- Eles precisavam de se encontrar com os outros*

É tão fácil reduzir Jesus ao «nosso» Jesus, à «nossa» experiência do seu amor, à «nossa» maneira de o conhecermos. Jesus, porém, deixou-nos, para poder enviar-nos o seu Espírito, e o seu Espírito sopra onde quer. A

comunidade de fé é o lugar onde são contadas muitas histórias acerca da forma de manifestação de Jesus. Essas histórias podem ser muito diferentes umas das outras. Pode até parecer que chocam umas com as outras, mas, à medida que formos continuando a escutar atentamente o Espírito que se manifesta através de muitas pessoas, tanto por palavras como no silêncio, tanto através da confrontação como do convite, tanto com doçura como com firmeza, tanto com lágrimas como com sorrisos — então iremos discernindo gradualmente que todos nós pertencemos uns aos outros, como um único corpo entretecido pelo Espírito de Jesus.

Na Eucaristia pedem-nos que deixemos a mesa e vamos ter com os nossos amigos, para descobrirmos com eles que Jesus está verdadeiramente vivo e nos chama a juntar-nos formando um novo povo — o povo da ressurreição.

Aqui acaba a história de Cléophas e do seu amigo. Acaba com os dois amigos a relatar o que lhes sucedera aos onze e aos seus companheiros. A sua missão, porém, não acaba aqui; aliás, ela mal começou. A narração da história daquilo que sucedeu no caminho e à volta da mesa é o princípio de uma vida de missão, vivida todos os dias da nossa vida, até que o vejamos de novo, face a face.

Formar uma comunidade com a família e os amigos, construir um corpo de amor, formar um novo povo da ressurreição: tudo isto não serve apenas para que possamos viver uma vida protegida das forças obscuras que dominam o mundo; serve, antes, para nos permitir proclamar juntos a toda a gente, tanto a novos como a velhos, tanto a brancos como a negros, tanto a pobres como a ricos, que a morte não tem a última palavra, que a esperança tem razão de ser e que Deus está vivo.

A Eucaristia é sempre missão. A Eucaristia que nos libertou do nosso sentimento paralisante de perda e nos revelou que o Espírito de Jesus vive dentro de nós concede-nos o poder de sair para o mundo e de anunciar a boa nova aos pobres, a vista aos cegos, a liberdade aos cativos e de proclamar que Deus voltou a mostrar o seu favor a todos os povos. Contudo, nós não somos enviados sozinhos; somos enviados com os nossos Irmãos e Irmãs, que também sabem que Jesus vive dentro deles.

### *- A Eucaristia é sempre missão*

O movimento que brota da Eucaristia é o movimento da comunhão para a comunidade e para o ministério. A nossa experiência de comunhão começa por nos enviar aos nossos irmãos e irmãs, a fim de partilharmos com eles as nossas histórias, e de construirmos com eles um corpo de amor. Depois, como comunidade, podemos mover-nos em todas as direções e estender a mão a todas as pessoas.

Eu tenho profunda consciência da minha tendência pessoal para querer passar da comunhão ao ministério sem formar comunidade. O meu individualismo e o meu desejo de êxito pessoal tentam-me continuamente a fazer tudo sozinho e a aproveitar as funções ministeriais só para mim. O próprio Jesus, porém, nunca pregava nem curava sozinho. Lucas, o Evangelista, conta-nos como Ele passava a noite em comunhão com Deus, a manhã a formar comunidade com os doze apóstolos, e a tarde a sair com eles, para exercer o seu ministério em favor das multidões. Jesus chama-nos à mesma sequência: a passar da comunhão à comunidade e ao ministério. Ele não quer que nós partamos sozinhos. Envia-nos juntos, dois a dois, nunca entregues a nós próprios. E assim podemos dar testemunho, como pessoas que pertencem a um mesmo corpo de fé. Somos enviados a ensinar, a curar, a inspirar e a oferecer esperança ao mundo — não como o exercício das nossas aptidões únicas, mas como expressão da nossa fé de que tudo o que temos para dar provém daquele que nos uniu.

*- A vida eucarística é sempre vida de missão*

A vida vivida de forma eucarística é sempre uma vida de missão. Vivemos num mundo que geme, esmagado pelas suas perdas: as guerras implacáveis, que destroem as pessoas e os seus países, a inanição e a fome, que dizimam populações inteiras, o crime e a violência, que dominam, pelo medo, milhões de homens, mulheres e crianças. O cancro e a SIDA, a cólera, a malária e muitas outras doenças que arrumam o corpo de inúmeras pessoas; terremotos, Inundações e acidentes de viação... Esta é a história da vida quotidiana que enche os jornais e os ecrãs de televisão. um mundo de perdas intermináveis, e muitos, se não a maior parte, dos homens nossos Irmãos caminham cabisbaixos, sobre a superfície do nosso planeta. Eles também dizem, de certo modo: «Esperávamos..., mas perdemos a esperança.» É neste mundo que somos enviados a viver de forma eucarística, ou seja, a viver com o coração a arder e os olhos e os ouvidos bem abertos. Parece uma tarefa impossível. Que pode fazer este pequeno grupo de pessoas que encontraram Jesus no caminho, no jardim ou à beira do lago, num mundo tão tenebroso e violento? O mistério do amor de Deus consiste em que os nossos corações ardentes e os nossos ouvidos e olhos recetivos possam descobrir que aquele que encontrámos na intimidade da nossa casa continue a revelar-se a nós entre os pobres, os doentes, os famintos, os prisioneiros, os refugiados e todas as pessoas que vivem no medo.

Assim percebemos finalmente que a missão não consiste apenas em ir falar do Senhor ressuscitado aos outros, mas também em receber esse testemunho daqueles a quem somos enviados. Muitas vezes, a missão é vista exclusivamente em termos de dar, mas a verdadeira missão também é

receber. Se é verdade que o Espírito de Jesus sopra onde quer, não há ninguém que não possa transmitir esse mesmo Espírito. A longo prazo, a missão só é possível na medida em que for tanto receber como dar, tanto ser amado como amar. Nós somos enviados aos doentes, aos moribundos, aos deficientes, aos prisioneiros e aos refugiados para lhes levar a boa nova da ressurreição do Senhor. Em breve, porém, ficaremos queimados, se não conseguirmos receber o Espírito do Senhor daqueles a quem somos enviados.

Esse Espírito, o Espírito de amor, está escondido na sua pobreza, fragilidade e dor. Foi por isso que Jesus disse: «Bem-aventurados os pobres, os perseguidos, os que choram.» De cada vez que lhes estendermos a mão, eles, por sua vez — quer tenham consciência disso quer não — abençoar-nos-ão com o Espírito de Jesus, tornando-se assim nossos ministros. Sem esta troca mútua de dar e receber, missão e ministério tornam-se facilmente manipuladores ou violentos. Quando só um é que dá e o outro recebe, quem dá, em breve, torna-se opressor e quem recebe torna-se vítima. No entanto, quando o que dá recebe e o que recebe dá, o círculo de amor, iniciado na comunidade dos discípulos, pode crescer até abarcar o mundo.

*- Faz parte da essência da vida eucarística fazer com que este círculo de amor cresça.*

Tendo entrado em comunhão com Jesus e criado comunidade com aqueles que sabem que Ele está vivo, podemos agora partir e juntarmo-nos aos inúmeros viajantes solitários, ajudando-os a descobrir que também eles têm o dom do amor para partilhar. Já não temos medo da sua tristeza nem da sua dor, mas podemos perguntar-lhes simplesmente: «Que palavras são essas que trocáis entre vós enquanto caminhais?» Então ouviremos histórias de uma solidão imensa, de medo, de rejeição, de abandono e de tristeza. Teremos de as escutar, muitas vezes longamente, mas também teremos oportunidade de dizer, com palavras ou com simples gestos: «Não sabeis que aquilo de que vos queixais também pode ser vivido como caminho para uma realidade nova? Talvez seja impossível mudar aquilo que vos sucedeu, mas continuais a ser livres para escolher a forma como o podeis viver.»

Nem toda a gente nos escutará e só alguns nos convidarão a entrar na sua vida e a sentar-nos com eles à mesa. Só raramente será possível oferecer-lhes o pão que dá vida e curar verdadeiramente o seu coração despedaçado. O próprio Jesus não curou todos os doentes, nem mudou a vida de toda a gente. A maior parte das pessoas simplesmente não acredita que as mudanças radicais sejam possíveis e não consegue abrir o seu coração quando se encontra com estranhos. De cada vez, porém, que se dê um verdadeiro encontro conducente do desespero à esperança, e da amargura à gratidão,

veremos que parte das trevas se dissipa e que a vida, mas uma vez, atravessa as fronteiras da morte.

Tem sido esta, e continua a ser esta, a experiência daqueles que levam uma vida eucarística. Eles veem que é sua missão desafiar com persistência os seus companheiros de viagem a escolherem a gratidão, em vez do ressentimento, e a esperança, em vez do desespero. E as poucas vezes que esse desafio é aceite, são suficientes para fazer que as suas vidas sejam dignas de ser vividas. Ver um sorriso esboçar-se por entre lágrimas é testemunhar um milagre — o milagre da alegria.

### - *O milagre da alegria*

Em termos estatísticos, nada disto é muito interessante. Os que perguntam: «A quantas pessoas conseguiste chegar? Quantas mudanças operaste? Quantas doenças pudeste curar? Quanta alegria fizeste brotar?», receberão sempre respostas desanimadoras. Jesus e os seus seguidores não tiveram grande sucesso. O mundo continua a ser um lugar tenebroso, cheio de violência, de corrupção, de opressão e de exploração. E é muito provável que isso se mantenha até ao fim! A questão não é: «Em quanto tempo e quantos!», mas «Onde e quando?» Onde esta a Eucaristia a ser celebrada, onde estão as pessoas que se reúnem a volta da mesa e partem o pão juntas, e quando é que isso acontece? O mundo jaz sob o domínio do maligno. O mundo não reconhece a luz que brilha nas trevas. Nunca reconheceu, nem nunca reconhecerá. Mas há pessoas que, no meio deste mundo, vivem sabendo que Jesus está vivo e vive dentro de nós, que Ele ultrapassou o poder da morte e abre o caminho para a glória. Haverá pessoas que se reúnam, que se sentem à volta da mesa para fazer o que Jesus fez, em memória dele? Haverá pessoas que continuem a contar umas às outras estas histórias de esperança e que partam Juntas, na ânsia de cuidar os homens seus irmãos, não pretendendo resolver-lhes todos os problemas, mas lazer aflorar um sorriso aos lábios de um moribundo e despontar uma pequena esperança no coração de uma criança abandonada?

É tão pequena, tão pouco espetacular, tão escondida, esta vida eucarística, mas é como o fermento, como um grão de mostarda, como um sorriso no rosto de um bebé. E ela que mantém a fé, a esperança e o amor vivos num mundo constantemente a beira da autodestruição.

A Eucaristia, por vezes, é celebrada com grande pompa, em catedrais e basílicas magníficas. A maior parte das vezes, porém, é um «pequeno» acontecimento de que poucas pessoas se apercebem. Acontece numa sala, na cela de uma prisão, num sótão — longe da vista dos grandes movimentos do mundo. Acontece em segredo, sem vestes pomposas, sem velas nem incenso. Acontece com gestos tão simples, que as pessoas de lora nem sequer se



apercebem que está a ter lugar. Contudo, grande ou pequeno, festivo ou oculto, é sempre o mesmo acontecimento, revelando que a vida é mais forte do que a morte e que o amor é mais forte do que o medo.

### - Conclusão

A palavra «Eucaristia» significa, literalmente, «Acção de graças». Uma vida eucarística é uma vida transbordante de gratidão. A história dos dois amigos, dos dois amigos que se encaminham para Emaús, que também é a nossa história, revelou-nos que a gratidão não é uma atitude óbvia frente à vida. A gratidão precisa de ser descoberta e vivida com um grande cuidado interior. As nossas perdas, as nossas experiências de rejeição e abandono e os nossos inúmeros momentos de desilusão incitam-nos constantemente à ira, à amargura e ao ressentimento. Quando deixamos simplesmente os «factos» falar, haverá sempre factos suficientes para nos convencerem que a vida, afinal, desemboca no nada e que qualquer tentativa de vencer esse destino é apenas sinal de profunda ingenuidade.

Jesus deu-nos a Eucaristia para nos permitir optar pela gratidão. É uma escolha que tem de ser nossa, pessoal. Ninguém pode fazê-la em nosso nome. A Eucaristia, porém, impele-nos a clamar a Deus pedindo misericórdia, a escutar as palavras de Jesus, a convidá-lo para nossa casa, a entrar em comunhão com Ele e a proclamar a Boa Nova ao mundo; abre-nos à possibilidade de gradualmente nos irmos libertando dos nossos inúmeros ressentimentos e de optarmos pela gratidão. A celebração eucarística convida-nos constantemente a ter essa atitude. Na nossa vida quotidiana, temos oportunidades incontáveis de mostrar gratidão em vez de ressentimento. Ao princípio, podemos não reconhecer essas oportunidades. Mesmo sem darmos por isso, quantas vezes já nos lamentámos: «Isto é de mais para mim. A única solução é deixar-me dominar pela cólera, dando largas à mesma. A vida não é justa, eu não posso comportar-me como se ela o fosse.» Contudo, há sempre aquela voz que nos sugere, uma e outra vez, que estamos cegos pelo nosso próprio entendimento, que nos estamos a arrastar, a nós e uns aos outros, para um buraco sem saída. É a voz que nos chama «Insensatos», a voz que nos pede que olhemos de uma maneira completamente nova para a nossa vida, com um olhar que não parta de baixo, através do qual só contamos as nossas perdas, mas com um olhar vindo do alto, onde Deus nos oferece a sua glória.

Finalmente, a Eucaristia — acção de graças — vem do alto. É o dom que nós não podemos fabricar para nós. Tem de ser recebido. É oferecido gratuitamente e pede para ser recebido gratuitamente. Nisso consiste em a nossa opção! Podemos optar por deixar que o estranho prossiga viagem e assim continue a ser apenas um estranho. Mas também o podemos convidar

a entrar na nossa vida interior, também podemos deixar que Ele toque cada parte do nosso ser e, depois, transforme os nossos ressentimentos em gratidão. Não somos obrigados a fazê-lo. De facto, a maioria das pessoas não o faz. Mas, consoante a frequência com que tomarmos essa opção, tudo será renovado, até as coisas mais triviais. As nossas pequenas vidas tornam-se grandes — passando a fazer parte da misteriosa obra da salvação de Deus. Quando isso acontecer, deixará de haver factos acidentais, casuais ou fúteis. Até o acontecimento mais insignificante falará a linguagem da fé, da esperança e, acima de tudo, do amor.

É esta a vida eucarística, a vida em que tudo se transforma em oportunidade de dizer «obrigado» àquele que se juntou a nós no caminho.

Henry Nouwen, *Não nos ardia o coração? Uma meditação sobre a vida eucarística*, Paulinas, 2ª 2006. Capítulo IV, *Partindo em missão*, pp. 73-110. Texto resumido e arranjado por Padre Leone Orlando.